

# O ensino da leitura em língua materna ancorado na perspectiva discursiva: uma proposta de leitura de um conto contemporâneo

## Teaching of mother tongue reading anchored to discursive approach: Reading proposal of a contemporary short story

Luciana C. Ferreira Dias Di Raimo<sup>1</sup>

diaslucian@yahoo.com

Universidade Estadual de Maringá

Thamires Nascimento Dearo<sup>1</sup>

thamiresnd@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá

**RESUMO** - Considerando a relevância de pensar as bases do ensino da leitura de língua materna, neste artigo, apresentaremos uma abordagem didática de leitura de cunho discursivo, tendo-se em vista a mobilização dos conceitos, a saber: condições de produção, superfície linguística e processos de constituição de sentidos (na relação com a memória), com base em um conto publicado no sítio eletrônico do jornal *O Globo* intitulado “O Corpo” que circula em um blog literário do referido jornal chamado Prosa. A proposta tem como objetivo apresentar possíveis encaminhamentos para o texto e problematizar algumas questões pertinentes ao ensino da leitura de língua materna, tais como a evidência dos sentidos, a contradição e a equivocidade.

**Palavras-chave:** concepções de leitura, leitura em língua materna, Análise do Discurso.

**ABSTRACT** - Considering the importance of thinking the foundations of reading teaching in mother tongue, this paper presents a didactic approach reading discursive, keeping in view the mobilization of concepts, namely: production conditions, linguistic surface and senses of incorporation processes (in relation to memory), based on a short story published in “O Globo” newspaper that circulates in a literary blog named Prosa. The proposal aims to present possible referrals to the text and discuss some issues related to the mother tongue of reading instruction such as evidence of the senses, the contradiction and the equivocity.

**Keywords:** reading concepts, reading in mother tongue, Discourse Analysis.

### O início de um percurso

Neste trabalho, trazemos um movimento de reflexão sobre práticas de leitura de textos literários no sentido de mobilizar um percurso de natureza transdisciplinar, considerando, de um ponto de vista aplicado, conceitos da Análise do Discurso que podem produzir deslocamentos com relação à leitura compreendida como prática de produção de sentidos em sala de aula e o texto como peça de análise.

Considerando-se a Linguística Aplicada (LA), como campo de investigação que se pauta na problematização de questões relacionadas ao uso ou ao funcionamento da linguagem, em contextos formais ou não, ou ainda

como campo cujo foco investigativo volta-se para a “busca e criação de novos conceitos e novas alternativas teórico-metodológicas a partir e em função de uma redefinição dos objetos de estudo” (Signorini, 1998, p. 101) interessamos neste artigo discutir as possíveis contribuições da Análise do Discurso de linha francesa (AD), tomando como base estudiosos como Orlandi (1999) e Pêcheux, (1988, 1990a), a partir da formulação e apresentação de uma proposta discursiva de leitura de um conto literário intitulado “O corpo”, tomando-o como materialidade significativa em meio à interdependência entre os níveis intra e interdiscursivo. Buscamos formular tal proposta de leitura, levando em conta o contexto de uma turma do nono ano do Ensino Fundamental.

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790, Jd. Universitário, 87020-900, Maringá, PR, Brasil.

Nossa proposta tem como objetivo repensar e deslocar as possibilidades de abordagem do texto literário graças à filiação à perspectiva discursiva. No lugar de perguntarmos “o que o texto quis dizer”, buscamos trazer um novo olhar a partir do qual nos interrogamos a respeito de “como o texto significa”.

Entendemos que o conto, enquanto gênero literário constitutivo de atividades de livros didáticos, está, muitas vezes, atrelado ao trabalho com os elementos estruturais da narrativa, tais como: personagem, enredo, tempo, espaço e foco narrativo. Ou, em termos de progressão da narrativa, é dado destaque a elementos como introdução, complicação, clímax e desfecho. No caso da proposta ora apresentada, defendemos que a leitura não pode ser vista como prática de extração de um conteúdo preso à literalidade/estrutura do texto ou como atividade na qual “o professor apresenta ao aluno a posição que este pode ocupar” (Pfeiffer, 2000, p. 120) mas sim um lugar de possível construção da autoria de professores e alunos.

Salientamos que ler um conto pode e deve ir além da dimensão da estrutura ou do conteúdo do texto. A perspectiva discursiva nos leva a interrogar: quais sentidos o conto coloca em funcionamento e isso nos permite contemplar a determinação histórica dos sentidos (o mesmo) e o diferente, a possibilidade de o sentido ser outro.

Dessa forma, o artigo apresenta duas partes: na primeira, dirigiremos o foco para as bases teóricas sobre as quais se assenta nossa proposta de leitura pensada para um processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa a partir de um conto literário, no caso, especificamente, para uma turma de nono ano do Ensino Fundamental e, na segunda parte, apresentaremos uma proposta de abordagem didática da leitura de um conto da autoria de Sérgio Sant’Anna intitulado “O Corpo”, buscando deslocar a prática de leitura calcada nos elementos da narrativa para, então, considerar os movimentos de sentidos na trama discursiva do conto.

### **Análise do Discurso: dispositivo teórico e analítico**

Num primeiro momento, formular uma proposta de leitura nos exige problematizar em que medida o ensino de língua materna pode estabelecer relações com as contribuições epistemológicas da análise do discurso, produzindo, para tanto, um percurso de caráter transdisciplinar. Neste caso, vale ressaltar que, em um trabalho, na perspectiva transdisciplinar, não se trata de incluir “contribuições” de diferentes domínios, mas de evidenciar que o objeto de estudo *atravessa* as fronteiras das disciplinas, as quais não participam aditivamente, como meras fornecedoras de subsídios, mas cujos campos são, por sua vez, problematizados nesse cruzamento (Serrani, 1990, p. 41, grifo da autora).

Ora, se os estudos mais atuais sobre o ensino reiteiram a necessidade de uma abordagem dos fatos/práticas de linguagem em contextos reais, a AD parece comungar com um olhar para o funcionamento do discurso, o trabalho dos sentidos no texto e as subjetividades em jogo, seja na sala de aula, seja na instituição escolar.

Dessa forma, na medida em que a visão discursiva de leitura envolve um processo de elucubrações de ordem teórico-metodológica, o que contribui para que a leitura seja vista como um processo discursivo e não como mero gesto de decodificação, este diálogo entre a AD e leitura foi um momento inaugural dos pontos de convergência entre tais campos, o que permitiu o desenvolvimento de pesquisas e produção sobre a temática.

Podemos dizer que o sujeito da Análise do Discurso é duplamente afetado: de um lado, considerando-se seu funcionamento psíquico, o sujeito é falado pelo inconsciente, parte que ele desconhece; de outro, considerando-se seu funcionamento social, o sujeito é afetado pela ideologia, já que não há discurso sem sujeito, nem sujeito, sem ideologia. Nos termos de Pêcheux (1988, p. 133-134), “o recalcado inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação”.

Neste caso, é preciso considerar, de um ponto de vista discursivo, que o sentido não está preso às palavras, mas precisa ser tomado a partir das posições em jogo em uma dada conjuntura ou da inscrição do dizer em uma dada formação discursiva.

Em termos de definição, a formação discursiva se coloca como “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura” (Pêcheux, 1988, p. 160-161). Segundo Pêcheux (1988), o sentido de uma palavra, expressão ou proposição não existe *em si mesmo*, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. Assim, “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (Pêcheux, 1988 p. 160).

Em termos de constituição do sentido, é preciso mobilizar, na prática de leitura, as condições materiais de base, como diria Pêcheux (1988, p. 91), que são linguísticas e também históricas. Segundo o autor:

[...] o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe do conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo *discurso*: a língua se apresenta, assim, como a *base* comum dos *processos* discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que, como mostramos mais acima, os processos ideológicos simulam os processos científicos.

De um lado, temos a base linguística, e de outro, os processos discursivos que se materializam na língua. Tais processos discursivos dizem respeito às possibilidades de substituição, paráfrases, relações de sinonímia que funcionam entre os elementos de uma dada formação discursiva, dentro de condições de produção dadas.

Ao considerarmos a base sobre a qual o discurso se materializa e os processos discursivos, uma distinção conceitual fundamental diz respeito aos conceitos de intra e interdiscurso. O nível intradiscursivo de análise, isto é, o eixo da formulação, é compreendido como a sequência efetivamente produzida na horizontalidade da cadeia verbal (Serrani, 2005). É a dimensão que enfoca o começo, meio e fim de um texto, ou, segundo Orlandi (1999, p. 33), “aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”. Já o nível do interdiscurso, o da constituição dos sentidos, corresponde à dimensão vertical da linguagem, isto é, à relação de um enunciado com uma rede de dizeres já-ditos e esquecidos. Com efeito, é válido considerar que o interdiscurso determina o intradiscorso. Trata-se do intradiscorso enquanto fio do dizer, linearização, a dimensão horizontal do discurso, ou ainda, atualidade. Se a formulação é constituída pela memória, ela é também atualização dessa memória. Segundo Orlandi (1999, p. 33), “é desse jogo que tiram seus sentidos”.

Também, considerando que nossa leitura precisa se expor ao equívoco, ou seja, à possibilidade de o sentido ser outro, acreditamos que uma contribuição da AD é a de promover um trabalho em torno da ilusão do sentido literal e único. Pêcheux (1990a), a partir de uma análise do enunciado “Ganhamos”, proferido em meio à vitória de Mitterrand, na França, em maio de 1981, mostra a importância de perguntarmos pelos sentidos, em suas condições de produção, de colocarmos as interpretações em suspenso. Na medida em que “Ganhamos” é um enunciado opaco, é preciso nos interrogar sobre: quem ganhou, ganhou o quê? Quem compõe o conjunto do “nós” (ganhamos). São perguntas que apontam para a polissemia das palavras e para a equivocidade do dizer.

Estamos considerando que o equívoco não deve ser visto como erro, como prega o senso comum. O equívoco é constitutivo da linguagem e diz respeito ao fato de que as palavras em funcionamento são passíveis de sentidos contraditórios, de diferentes interpretações (Orlandi, 2001). Ainda podemos afirmar, apoiando-nos em Orlandi (1999, p. 53), que “se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto, escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições”. Esses são alguns conceitos-chave que servirão de ponto de sustentação de nossa proposta.

### **A proposta discursiva de leitura: um olhar para práticas de linguagem no espaço escolar**

Seja no domínio dos estudos aplicados, seja no domínio da Linguística, podemos citar diversos trabalhos

nos quais autores problematizam práticas/gestos de leitura, com base em pressupostos da AD (Orlandi, 1988, 2001; Coracini, 1995, 2005; Serrani, 2005; Bolognini, 2009; Hashiguti, 2009).

No que se refere à temática ligada às concepções de leitura, tendo em vista práticas de sala de aula, Coracini (2005), opondo-se a uma visão de sujeito uno, dono do seu dizer e com controle sobre a significação, tece críticas em relação a duas concepções clássicas de leitura que, na visão da autora, têm determinado nosso olhar sobre o objeto (texto, mundo, obra de arte, nós mesmos): (i) a leitura como decodificação – descoberta de um sentido (sobretudo presente na escola) e (ii) leitura como interação – construção de um sentido (sobretudo presente na academia).

Tomando-se como base a primeira concepção de leitura como descoberta de um sentido, ou seja, o modelo estruturalista, Coracini (2005) sustenta suas críticas a partir da premissa que o sentido, para Análise do Discurso, não está preso às palavras, mas precisa se relacionar a uma posição do sujeito e às condições de produção do discurso.

Uma vez que a leitura, na visão estruturalista, é concebida como decodificação de mensagens, a partir do reconhecimento de itens linguísticos (meios formais da língua), as práticas de leitura tornam-se um exercício mecânico pautado na mera prática de distinguir o significado literal em contraposição ao metafórico, o denotativo em relação ao conotativo, da mesma forma distinguir o objetivo do subjetivo (Coracini, 1995). Outrossim, na visão estruturalista, segundo a autora, existe sempre uma leitura única correta, seja a do professor, seja a do livro didático.

Considerando-se a segunda concepção de leitura como construção de um sentido, concepção cotada nos meios acadêmicos, segundo Coracini (2005) como o próprio nome indica, a leitura constitui um processo cognitivo que coloca o leitor em frente do autor do texto. Este modelo, de orientação cognitivista, entende a leitura como processo ativo de construção mental. Ler consiste em acionar pacotes de conhecimentos estruturados (os chamados blocos cognitivos), acompanhados de instruções para seu uso.

Tal modelo de leitura, presente no meio acadêmico, é criticado pela autora, na medida em que representa um desejo de controle da construção do sentido por parte do sujeito, ou seja, um desejo de o sujeito ser fonte e origem do dizer (Coracini, 1995).

Os estudos de Serrani (2005, p. 64), os quais articulam ensino de língua, discurso e cultura, apontam para reflexões que colocam em cena possibilidades de compreender o texto além do material empírico, ou seja, de se levar às consequências a incompletude da linguagem, isto é, o que não foi dito, mas que poderia ter sido. Assim, segundo a autora, o texto não deve ser entendido como mero produto linguístico, isto é, “o texto não é apenas uma materialidade empírica com começo, meio e fim”. A autora defende a premissa na qual “há textos anteriores

e concomitantes e outros discursos com os quais o texto está relacionado e isso faz parte das condições de leitura”.

Também, vale citar as reflexões empreendidas na coleção *Discurso e ensino: Práticas de linguagem na escola* a partir das quais a sala de aula é vista como “espaço de movimentos de sentidos” (Bolognini *et al.*, 2009, p. 7). A partir da apresentação de diferentes propostas de leitura, a obra está calcada em uma visão discursiva da língua que não se reduz a um mero instrumento de comunicação. Com efeito, um ponto instigante é o fato de que a leitura, nesta coleção, é trabalhada “na tensão entre a unidade imaginária de uma interpretação e a polissemia constitutiva que permite outras leituras”.

Apoiando-nos nas reflexões empreendidas por Orlandi (1988), há três níveis de leitura. O primeiro deles é o inteligível e considera o texto em si. Nesse sentido, ler é identificar palavras. O segundo nível é o do interpretável, que exige conhecimento dos sujeitos do discurso e de dados que permitam identificá-los. O terceiro nível é o do compreensível, isto é, considera o contexto sócio-histórico, o que está fora do texto, mas é constitutivo do sentido do texto. O foco da leitura é realizado em três níveis: o inteligível, o interpretável e o compreensível. Ainda, segundo Orlandi (1988), é preciso levar em conta em práticas de leitura alguns questionamentos de ordem discursiva:

- Os sentidos têm sua história, ou seja, há *sedimentação de sentidos*, segundo as condições de existência (produção) da linguagem;
- um texto tem relação com outros textos;
- o sentido não está no texto, mas na relação *autor e leitor*;
- sujeito e sentido são determinados histórica e ideologicamente.

Com base, ainda, em reflexões de Orlandi (1988, p. 9), vale destacar que há um leitor virtual inscrito em todo texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Dentro desse imaginário discursivo, o leitor imaginário seria aquele para o qual o autor imagina (destina) seu texto e para quem ele se dirige. Quando um leitor real, aquele que lê o texto, se apropria de sua materialidade, já encontra um leitor aí constituído com o qual ele tem de se relacionar necessariamente. A relação básica que instaura o processo de leitura é a do jogo existente entre o leitor virtual e o leitor real. O leitor, portanto, não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outro(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor etc.). A relação sempre se dá entre pessoas, relação social, histórica, ainda que (ou porque) mediada por objetos (como o texto).

Sob o ponto de vista da Análise do Discurso, é preciso referir um discurso “ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (Pêcheux, 1990b, p. 79).

Sobre leitura, há ainda algumas características que precisam ser lembradas. Primeiramente que, para um

mesmo texto, leituras podem ser possíveis numa época e não em outra e podem variar com o modo como são considerados os diferentes tipos de discurso, como afirma Orlandi (1988). Já quanto à previsibilidade, a autora afirma que os sentidos têm sua história, ou seja, existe sedimentação em determinadas condições de produção. Também, Orlandi (1988) considera a necessidade de ter em conta a intertextualidade, ou seja, a relação com outros textos, que foram lidos antes, nas mesmas ou em outras condições de produção. O leitor tem sua história de leitura, um conjunto de leituras já feitas, que configuram, em parte, a compreensibilidade de cada leitor específico, noção que para ela se aproxima do que seria a “[...] capacidade de leitura” (Orlandi, 1988, p. 9).

Nas palavras de Lagazzi (2012), a Análise do Discurso compreende a leitura de maneira muito diferente daquela pela qual ela é normalmente entendida na escola, contexto no qual o objetivo é determinar o que o autor quis dizer, determinando o conteúdo do texto. Isso não significa que o conteúdo seja ignorado pela Análise do Discurso, mas sempre diremos que um texto pode receber diferentes interpretações.

Da mesma forma que um texto se oferece a diferentes interpretações na relação com diferentes leitores, também um mesmo leitor poderá se significar em diferentes interpretações frente a um mesmo texto, quando em diferentes condições de produção. Para a perspectiva discursiva, os sentidos são efeitos que se produzem sob determinações históricas, por isso não podemos deixar de perguntar quais as condições para que algo seja dito de uma determinada maneira para determinado(s) interlocutor(es) em determinado contexto sócio-histórico.

### **A abordagem discursiva de um conto: elementos para redefinições na abordagem da textualidade**

Uma vez que a linguagem funciona sob o modo da textualidade, pretendemos, nesta seção do artigo, estabelecer conexões entre o conto em sua dimensão pragmática, com uma unidade, progressão (efeito texto), relacionado ao nível do intradiscurso e o interdiscurso (memória) com o propósito de apresentar uma abordagem didática de um conto contemporâneo.

Na perspectiva discursiva, ler um texto não se restringe a uma série de estratégias (ler as informações gerais e partir para as específicas), buscando apreender o que o texto quis dizer. Ler é entender como o texto diz e não o que ele diz, isto é, como o texto produz sentidos. Além disso, ler significa saber que tanto o sentido pode ser outro quanto o sujeito não tem controle pleno dos sentidos. É entender que a linguagem serve para comunicar e para não comunicar (Orlandi, 1999, p. 21).

Em meio a tais reflexões propostas por Orlandi, um ponto que nos chama a atenção diz respeito ao fato de que,



diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito é levado a dizer: o que isso significa? Tal olhar da AD dirigido para aulas de leitura pode abrir espaços para que abordagens de textualidades diversas tenham, como pano de fundo, discussões sobre a linguagem como um ritual com falhas (Pêcheux, 1990a), ou seja, em meio ao funcionamento da linguagem, há que se pensar na possibilidade de advir, em meio a funcionamentos dados, posições discursivas várias.

Neste caso, vale citarmos Orlandi (1988, p. 10-11), que traz três premissas que, a nosso ver, representam, em termos de concepções de linguagem e de sujeito, pontos de convergência entre AD e estudos aplicados, a partir da (im)possibilidade de pensar: (i) um autor onipotente cujas intenções controlassem todo o processo de significação; (ii) a transparência do texto que diria por si só uma significação e (iii) um leitor onisciente que dominasse as múltiplas determinações dos sentidos que jogam em um processo de leitura.

Por questões de tempo e para que a abordagem não fique superficial, serão apresentados apontamentos concernentes a um único conto, no sentido de problematizar as possibilidades de implementar uma abordagem discursiva de sua textualidade envolvendo as condições de produção, a materialidade linguística até atingirmos o processo de produção de sentidos. Estamos nos inspirando em propostas de análises pré-pedagógicas empreendidas por Baghin-Spinelli (2002) e Serrani (2005), cuja finalidade foi a de apresentar um caminho possível de abordagem discursiva da textualidade, tendo-se vista um exame do texto que extrapole a dimensão do código e da estrutura.

Escolhemos pensar na aplicação das atividades que seguem, tendo em mente uma turma de nono ano, pois consideramos que poderíamos ter dificuldades em trabalhar o tema “morte” com alunos mais novos. É perceptível ao dar aulas para os alunos do Ensino Fundamental a necessidade de maior maturidade para falar de temas que são tabus em nossa sociedade, como morte, sexo ou drogas. Neste caso, os alunos do nono ano têm menos problemas para isso. Outrossim, notamos a necessidade de contextos de leitura, no Ensino Fundamental, que preparem os alunos para o Ensino Médio em termos de compreensibilidade de textos literários. A escolha do conto favorece o trabalho com a turma, visto que fala sobre morte sem explicitar a violência que a causou, fator que poderia ser, para alguns alunos da série, ainda um pouco complicado de contemplar os sentidos em jogo na trama discursiva do conto.

Resumiremos abaixo o enredo do conto para expor sua materialidade e riqueza de discursos que podem ser trabalhados. O texto na íntegra encontra-se como apêndice deste artigo.

O conto é dividido em várias cenas, nas quais diversos personagens se relacionam de uma forma ou de outra com o corpo. A cena inicial é de um executivo (“...conferir as cotações das bolsas da Europa e do fechamento na Ásia”...), chamado Fernando, que mora em um aparta-

mento à beira mar, acordando e se preparando para praticar exercícios físicos antes de ir ao trabalho. Ele olha pela janela e vê algo no mar, mas não consegue identificar do que se trata (“...não podia identificar se era um afogado, ou um surfista madrugador, ou alguém nadando”). Ele desce até o calçador e confirma que era uma pessoa morta (“...havia mesmo o cadáver de um negro que era jogado de um lado para outro, e para cima e para baixo nas ondas”), tem um pensamento filosófico (“o homem negro está morto, eu estou vivo, mas também vou morrer”) e inicia sua corrida.

Na próxima cena aparecem três surfistas, sendo que apenas um deles se interessa em saber o que aconteceu com o homem morto (“Vamos chegar lá perto para ver”), já os outros demonstram repulsa de se aproximar (“Olha lá o Juninho, olha lá: vai pegar onda com o defunto”).

Então é a vez de Carlota, uma senhora de 68 anos que caminhava na praia como parte do tratamento para sua depressão (“tomava comprimidos contra a depressão e a insônia...”), mas era muito a contragosto (“...o que ela pretendia fazer naquela manhã mesma, embora lhe custasse muita coragem...”). Ela estava se esforçando para continuar o exercício, mas ela não se sentia bem (“...dentro dela era um labirinto sempre conduzindo ao medo, ao pânico e a um desejo de morrer durante o sono...”). Quando ela se aproximou da praia viu que havia alguma coisa ao mar e desejou que não fosse uma pessoa (“...sentia a esperança de que não fosse um afogado e sim, por exemplo, uma baleia aproximando-se da praia, o que não era assim tão raro”), mas quando pôde confirmar que era um corpo humano não suportou tal cena e pegou o caminho para ir para casa (“...andar o mais depressa possível no rumo da Rua Joana Angélica e de casa”).

A policial militar chega ao local e examina o corpo (“...viu-se que havia um buraco de bala em sua testa. Isso devia ter acontecido havia não muito tempo e perto dali, porque o corpo não exibia sinais visíveis de decomposição...”) e procura forma de identificá-lo (“...verificou que no bolso da bermuda, única vestimenta do morto, não havia nenhum documento nem dinheiro”).

Há outras pessoas na praia, como um aposentado que comenta sobre uma notícia de jornal (“...sobre os cadáveres de dois afogados amarrados por cordas por algumas horas num barco do Serviço de Salvamento, no Mourisco”), mulheres com seus filhos e banhistas que mantinham distância do cadáver (“Afinal, ninguém quer pegar praia perto de um morto”).

Aparece no local, também, um pregador religioso, que recita um trecho da bíblia (“Pois do nada somos nascidos e depois desta vida seremos como se nunca tivéramos sido. Pois a respiração de nossos narizes não passa de fumaça e a razão é como farsa para mover nosso coração”).

A cena volta para Fernando, retornando ao seu apartamento e se arrumando para ir ao trabalho (“foi ao banheiro, fez a barba, tomou uma chuveirada e depois, já no quarto, começou a vestir o terno”). Sua namorada dormia

e tinha um pesadelo. Ela acorda e procura por ele (“Me abraça”, ela disse”). Eles tomam café juntos, mas ele não conta para ela o que aconteceu na praia (“Fernando preferiu não comentar sobre o homem morto na praia”). Ele sai para o trabalho e ela sai uma hora depois para ir a faculdade.

A cena volta para praia e o momento da retirada do corpo do local (“...chegou o rabecão. Sem maiores cuidados, dois funcionários do Instituto Médico-Legal trocaram o plástico da polícia por um do Instituto e depois puseram o morto coberto num caixão de metal e o levaram para um furgão”). Já havia dois corpos no carro do IML e o autor fala sobre os vermes que estão vivos dentro dos corpos (“Nenhum ser humano vivo ali naquela parte do veículo. No entanto, havia vida ali, inconsciente, dos vermes que já haviam começado a devorar os cadáveres. Que vermes são esses? Nós, os leigos, não sabemos, mas já os trazemos dentro de nós, à espera de tomarem conta do nosso corpo”) e assim encerra o conto.

### **As condições de produção da leitura: primeiro momento da abordagem**

Tendo em vista os encaminhamentos para uma abordagem didática do conto em tela, primeiramente, do ponto de vista teórico, uma questão nodal que nos chama atenção diz respeito às condições de produção e de formulação do conto literário publicado em uma página eletrônica como espaço de circulação de sentidos. Assim sendo, segundo Orlandi (2010, p. 15) “as condições de produção incluem pois o sujeito e a situação”. A situação, por sua vez, pode ser pensada um sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito, segundo a autora, compreende as circunstâncias de enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. Em um sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico mais amplo.

Considerando a situação imediata, o conto foi escrito, publicado e circulou/circula por meio de uma página relativa à versão eletrônica do jornal *O Globo*, em uma seção chamada “Prosa & Verso”, destinada à publicação de conteúdos literários, inclusive contos inéditos, como esse de Sérgio Sant’Anna. Vale dizer que tal seção deixou de ser atualizada em 2015 e assuntos similares podem ser encontrados em outra página do jornal, chamada Livros. Sérgio Sant’Anna é autor de poesias, teatro, novelas e romances, mas considera-se, antes de tudo, contista. Um autor contemporâneo que retrata, em boa parte de seus contos, contextos pós-modernos, perpassando entre o popular e o erudito. Além disso, as condições imediatas dizem respeito ao momento em que o conto é publicado ou circula, neste caso, a partir de 01 de março de 2014, de modo que ainda está disponibilizado no sítio eletrônico do jornal *O Globo*, sendo esse o único meio de acessá-lo por enquanto.

O conto atualiza, em termos de temáticas relacionadas ao urbano, problematizando o individualismo

de seus personagens em meio às suas rotinas (acordar, tomar banho, fazer uma corrida/caminhada, “pegar onda”) a partir da construção de representações de “morte” que emerge como problemática que produz justamente sentidos equívocos, isto é, diferentes formas de identificação com o corpo morto encontrado no mar: desconforto, curiosidade, repulsa, alívio.

Em sentido macro, o contexto sócio-histórico mais amplo implica a memória e sentidos produzidos em outros contextos e em outras situações que significam na relação com o conto. Com efeito, tudo que já foi dito sobre corpo, morte, vazio da existência, está significando no conto. Segundo Orlandi (2010, p. 22) “todo dizer se acompanha de um dizer já-dito e esquecido que o constitui em sua memória”. Dessa maneira, o texto convoca sentidos já-ditos e esquecidos, sentidos esses ligados à descartabilidade da existência, à solidão, ao mal-estar e incômodos produzidos pela morte e pela efemeridade/fragilidade do corpo humano.

Considerando as condições de produção do conto, apresentamos como primeiro momento da abordagem as interrogações de ordem discursiva que seguem:

- (1) A leitura de contos no ciberespaço é uma prática comum em sua vida?
- (2) Tente responder: Quem enuncia? Para quem? Onde o conto circula? Quais imagens que se constroem no conto sobre “um corpo negro boiando no mar”, em termos de memória?

### **Entre o intra e o interdiscurso: relações de paráfrase e a escuta de outros sentidos**

Buscando deslocar uma prática muito recorrente na leitura de contos na qual os alunos são solicitados a extrair dos textos conteúdos ligados aos personagens, tempo, espaço e narrador, além da necessidade de delimitarem as ações que ocorreram no desenvolvimento da narrativa, nossa proposta de leitura oferece um contexto no qual a sala de aula seja um lugar de movimentação dos sentidos. A estrutura do conto interessa, mas, nesta proposta, essa é tomada como pontos de deriva abertos a novas interpretações.

Levando às consequências a distinção entre intra-discurso (formulação do conto, aquilo que foi escrito em uma condição dada, ou seja, a publicação de um conto em uma página eletrônica de um jornal de grande circulação nacional) e interdiscurso (eixo da constituição do dizer, o espaço da memória que tornou possível esse conto), buscamos primeiramente trabalhar com uma noção bastante produtiva, o conceito de formação discursiva justamente para contemplar esse jogo entre a formulação (atualidade) e a memória.

Em termos de materialidade linguística, entendemos que o conto pode servir de observatório no qual con-

templemos o fato de os sentidos não existirem em si, mas serem determinados pelas posições ideológicas colocadas em jogo. Nesse caso, mobilizamos a noção de *formação discursiva* (FDa), neste momento da abordagem discursiva do conto, bem como sugerimos uma prática de leitura na qual os alunos e professores possam trabalhar com a dispersão de sentidos para o que nomeamos de “posição-sujeito urbano quando em confronto com a morte”. Esse sujeito urbano inscreve seu dizer em diferentes formações discursivas para atribuir sentidos à morte, tais como FD religiosa, FD policial e FD médico-biológica, entre outras.

Nas palavras de Orlandi (1999, p. 40), “não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal [...] que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam dessas projeções”. Assim, na atividade que segue, não estamos contemplando um olhar para os lugares sociais empíricos- socialmente descritíveis - que estão representados no conto (o executivo, o surfista, o pregador religioso, entre outros), mas estamos tomando a posição – “sujeito-urbano na relação com a morte” como constituída por diferentes identificações sociais imaginárias - o lugar objetivo (de executivo, pregador religioso, mulher em tratamento médico) está representado, no discurso, por processos de identificação produzidos em meio a um imaginário discursivo: o sujeito urbano (des) interessado pela morte do outro, (re)pensando a sua vida, pregando a palavra de Deus, buscando e se distanciando do corpo morto.

Por acreditarmos que alunos-leitores do nono ano do Ensino Fundamental precisam refletir sobre a complexidade de discursos que constituem a urbanidade, ou seja, compreender que, na trama discursiva do conto, a atividade formulada que segue trata-se de um esforço de mobilizar a posição sujeito-urbano em confronto com a morte e problematizar as possibilidades de dizer/sentidos recortadas por aquela posição, a saber: repulsa, normalidade, objeto de perícia, nojo, medo, receio, considerando o papel da memória da morte, do corpo sem vida, que convoca sentidos já significados anterior e exteriormente ao conto.

Se os sentidos mudam de acordo com a inscrição em uma formação discursiva ou outra (seja religiosa, médica, policial, filosófica), tal proposta de atividade de leitura tem como foco promover um debate entre os sujeitos-alunos, a partir de três diferentes formas de identificação no conto (o que atesta para uma intrínseca constituição de sentidos entre corpo, morte e espaço urbano), tomando-se por base a posição sujeito-urbano na relação com a morte:

- (1) Tomando como base um discurso filosófico, argumente por que a morte suscita em Fernando pensar a respeito das fragilidades humanas.
- (2) Tomando como base um discurso religioso, argumente por que o corpo representa o pó, a matéria que tem fim.

- (3) Tomando como base um discurso policial (objeto de uma perícia), argumente por que a morte é parte de um trabalho rotineiro.

Um aspecto que nos incomoda tem a ver com a relação do título do conto “O corpo” (forma nominal definida) com formas indefinidas ao longo do conto. Uma vez que, no eixo do intradiscorso, a textualização de formas nominais indefinidas (um corpo negro boiando, um afogado, ou um surfista madrugador, ou alguém nadando) são repetições que produzem a evidência da indefinição ou esvaziamento da identidade do sujeito-cidadão.

### Exemplo 1

[...] Abriu-a, sentiu o ar fresco da manhã, o cheiro da maresia, ouviu o barulho das ondas quebrando, mais nítido a essa hora, e também notou que onde uma onda se formava havia algo parecido com **um corpo negro boiando**, mas, com a luz ainda insuficiente, não podia identificar se era **um afogado, ou um surfista madrugador, ou alguém nadando**.

Levando em conta formas de paráfrases que materializam o início empírico do conto e reiteram uma posição de indefinição do sujeito-objeto do olhar do personagem Fernando, podemos notar que o texto nos encaminha de um despertar agradável de um executivo para o enfrentamento dele com tal corpo morto. Da janela do apartamento, o conto coloca em funcionamento um jogo de sentidos entre distanciamento e aproximação, que vão produzindo efeitos: estando o corpo somente ligado a uma representação racial-visual (corpo negro) ou conjecturas relativas à sua suposta origem: afogado, surfista, um nadador.

Notamos, na formulação do conto, de um lado, o título “O corpo”, em que a forma material “o”, artigo definido, não traz, na relação com o texto, qualquer especificação desse sujeito encontrado no mar, e de outro, uma regularidade de expressões nominais indefinidas ao longo do conto tais como “um corpo negro”, um “afogado” e “um surfista madrugador”, que sustentam sentidos ligados à indefinição do cidadão encontrado morto nas cidades. Neste momento, julgamos interessante que o professor e os alunos voltem o olhar para marcas que se repetem e trabalhem o confronto dessas regularidades com o título do conto “O corpo”.

Na horizontalidade da cadeia, no eixo da textualização, a seguir, o conto materializa instantes/momentos nos quais os personagens se dão conta, se certificam de que o homem negro está morto. Neste caso, embora notemos a marca do artigo definido, em diversas expressões sintáticas, além de adjetivos qualificadores, ainda, assim, se mantém o efeito de esvaziamento de uma identidade social-cultural-profissional.

## Exemplo 2

Resolveu então atravessar a avenida e certificou-se de que havia mesmo **o cadáver de um negro** que era jogado de um lado para outro, e para cima e para baixo nas ondas. E Fernando não pôde deixar de filosofar como todo mundo diante de um cadáver, filosofia que podia ser reduzida à sua expressão mais simples com as palavras: **o homem negro está morto**, eu estou vivo, mas também vou morrer. Sentiu-se levemente deprimido e iniciou imediatamente sua corrida.

Com efeito, expressões nominais como “o cadáver de um negro”, “o homem negro está morto”, “o corpo do homem negro no mar”, “o cadáver”, “o morto”, fazem funcionar, no conto, uma contradição entre sentidos de definição/indefinição. Se gramaticalmente, a anteposição do artigo definido “o” (forma material da língua) determinaria uma identidade ao elemento linguístico que o acompanha/determina, o efeito que se tem no conto é de indefinição/-a não identificação desse sujeito-urbano. Seja pela falta de referência sobre o homem encontrado (também na materialidade do conto), seja pelo efeito da memória do dizer, o corpo morto (cadáver) é somente um corpo sem qualquer referência ou definição. Esse efeito de sentido de permanência da indefinição/ não-identificação, ainda que linguisticamente o artigo definido “determine” um “nome”, emerge como sintoma da negação da identidade do sujeito-morador da cidade do Rio de Janeiro cujo corpo boia no mar. Em nenhum momento da narrativa, o referente “corpo” é significado estando ligado a um sujeito-social reconhecido.

O enunciado “O homem negro está morto” é um ponto de equivocidade a partir do qual podemos interrogar os sentidos não ditos, mas que significam: o homem negro está morto/o homem branco está vivo, as pessoas morrem e outras continuam levando suas vidas. Além disso, a forma de adverbialização “levemente” é uma marca que aponta para uma relação superficial do personagem Fernando com a morte do outro. Sob um efeito de evidência, o conto produz um sentido que a morte do outro nos importa muito pouco ou nos incomoda muito. Neste caso, notamos mais uma vez uma repetição significativa no conto, relativa a uma tensão de sentidos entre aproximar-se e distanciar-se do corpo morto:

## Exemplo 3

Naquele momento três rapazes carregando pranchas de surfe vinham chegando pelo calçadão e um deles disse: “Vamos chegar lá perto para ver.” Outro respondeu: “Que isso, mermão, **defunto** a uma hora dessas? Vamos pro Arpoador”. E o terceiro surfista disse para o segundo, em voz bastante

alta, de modo a ser ouvido pelo primeiro, o que fizera a proposta e já pulara para a areia: “Olha lá o Juninho, olha lá: **vai pegar onda com o defunto**.”

Tendo em vista as projeções imaginárias da posição-sujeito urbano na relação com a morte de um estranho, notemos um modo de identificação relativo a um surfista, personagem secundário no conto, marcado pelo deboche. O enunciado “vai pegar onda com o defunto” se relaciona a um sentido historicamente determinado ligado ao desconforto/incômodo que a morte pode trazer às pessoas e a uma prática naturalizada de aproximação/afastamento do corpo morto. Sentidos convocados por uma memória de que a morte desperta curiosidade e ao mesmo tempo receio, ou de que o corpo morto é algo a ser retirado do local, de que a praia não pode ter algo tão deprimente, que o corpo morto choca as crianças ou ainda que esse expõe nossa fragilidade e nossa mortalidade.

Os sentidos para a morte ou para o corpo morto encontrado no mar nos levam a pensar na relação contraditória entre compaixão e indiferença que está funcionando no conto. Vamos a mais um modo de identificação constitutivo da posição sujeito-urbano, relativo às possibilidades de dizer naquela posição sujeito-urbano, trazendo à baila o exemplo da personagem Carlota. Nesse caso, podemos notar, a partir deste momento do conto, sentidos ligados ao (des)interesse que suscita um corpo morto ou a causa da morte.

## Exemplo 4

E Carlota prosseguiu e, bem próximo à Farme de Amoedo, viu **o corpo do homem negro** no mar, que era jogado todo desengonçado pelas ondas e com toda a certeza estava morto. Não podia haver cena mais tétrica do que essa e, andando com passos mecânicos, Carlota viu ainda mais nitidamente **o corpo**. No instante seguinte, ele estava no topo de uma onda e Carlota julgou ver seus olhos abertos. E disse para si própria, antes de virar-se e andar o mais depressa possível no rumo da Rua Joana Angélica e de casa: “Esse já não sofre mais”.

Mas, afinal, o que aconteceu com **esse**? Um banhista que se afogou tão cedo? Quando, depois de ser, por fim, depositado na areia, viu-se que havia um buraco de bala em sua testa.

Tendo em vista a forma pronominal “esse”, que retoma não só o corpo, mas o sujeito (dono do corpo), com base no enunciado “esse já não sofre mais”, enunciado produzido pela personagem Carlota, a ruptura sintática nas formas de retomada do referente - não mais a retomada por expressões nominais mas por um pronome - se dá em meio à produção de uma nova possibilidade de significar, isto é, o corpo no mar, considerando não só o corpo físico/ morto,



ao sabor das ondas, mas também uma “pessoa” com suas dores e angústias, quando consideramos a forma verbal “sofrer”. Mas, pela memória, por sentidos anteriores e exteriores, a materialização, no intradiscorso, do pronome “esse” vai produzir uma possibilidade de leitura: a forma material “esse” evoca sentidos ligados a um sujeito de menor importância, desprezível.

Temos que contemplar os deslizamentos de sentidos, na textualização do conto, na medida em que as representações de corpo biológico - um corpo negro boiando - derivam de uma descrição físico-visual, um corpo que se afogou, para uma designação médico-policial, a partir de um olhar da perícia (considerando as formulações: havia um buraco de bala em sua testa, um cadáver). Assim, o corpo passa a significar não mais a vida/identidade social e cultural de um sujeito com uma existência na cidade (o homem negro), mas sim como cadáver cuja causa da morte, o tiro na testa, o estado do corpo, tempo transcorrido desde o falecimento precisam ser nomeados, descritos e certificados pelo olhar profissional.

Assim, por exemplo, pensando no referente “corpo”, o professor pode empreender com os alunos gesto(s) de interpretação a partir da textualização do conto, atestando o papel do equívoco. De fato, é interessante levar às consequências as formas de substituições, paráfrases, designações para o referente “corpo” na trama da narrativa. Não há um sentido único, estável, na medida em que os efeitos de sentidos podem ser vários, quando pensamos a constituição heterogênea e dividida da posição-sujeito urbano na relação com a morte, o que implica diferentes sentidos para o corpo, quanto em termos do efeito-leitor. Justamente a organização de diferentes possibilidades de sentidos para o corpo morto presentes na posição sujeito-urbano em confronto com a morte é o que produz o movimento da narrativa. Do executivo que avista o corpo no mar, os surfistas que estão na praia, Carlota que caminha por ali para aliviar a depressão, o policial, até o carro do IML com os profissionais da perícia que vão recolher o corpo morto, o conto apresenta uma progressão de ações que reiteram a regularidade discursiva entre distanciamento e aproximação e/ou entre indefinição/definição genérica.

Tendo em vista esse momento da leitura do conto, mobilizamos uma nova atividade de leitura, considerando a deriva de sentidos.

- (1) O conto organiza sentidos variados (sentidos possíveis social e ideologicamente constituídos) sobre o corpo morto e as representações deslizam de “homem negro” para “cadáver”. Vamos pensar em outros textos nos quais se produz um deslizamento de sentidos de sujeito-cidadão para “mais um na estatística”.

A possibilidade da deriva, ou seja, do efeito metafórico, a partir da substituição de uma palavra por

outra (Pêcheux, 1990b, p. 96) nos leva a pensar em um processo no qual a expressão nominal “um corpo” produz a metáfora e a possibilidade de o sentido ser outro - um corpo negro (identificação social/racial) que emerge do olhar do cidadão comum (transeunte das ruas, o surfista, a família que frequenta a praia) desliza para o morto/cadáver (identificação biológica/policial/pericial), representação de cadáver determinada pelo olhar profissional do policial ou legista. Neste sentido, temos não somente inscrições em distintas formações discursivas, mas também relações com diferentes domínios de memória.

Assim sendo, em tratando de processos de constituição das personagens, no conto, as representações de corpo/cadáver em jogo atestam para uma contradição que constitui o sentido de corpo em termos de interdiscorso, isto é “algo fala antes, em algum lugar”: o corpo é vida e morte, é matéria e essência. Também, é preciso discutir a respeito do conjunto de formulações já feitas e esquecidas que determinam os sentidos ligados ao que é um corpo sem vida a partir da memória do dizer. Ou, nos termos de Orlandi (1999, p. 33), para que as palavras façam sentido, é preciso que elas tenham sentido.

Assim, as palavras como corpo morto, defunto e cadáver vêm carregadas de sentidos que foram sendo produzidos em uma relação entre a língua e a história. A produção de evidências nas quais um corpo morto causa repulsa, tentativa de descrição/avaliação da causa da morte ou desconforto, em meio ao caráter polissêmico do texto literário, está em relação a outras possibilidades de relação com o referente: o corpo é morte, é objeto do trabalho/olhar profissional, é objeto do sujeito-religioso, é lugar de vida e morte ao mesmo tempo. Com efeito, a formulação corpo morto põe em cena uma intrincada rede de discursos que constituem a posição sujeito-urbano na relação com a morte, bem como uma tensão de sentidos entre angústia e alívio, entre vida e morte, entre corpo (matéria) e pessoa (essência), o que pode, em sala de aula, produzir um olhar menos ingênuo com relação à linguagem literária. Como atividade final, seria sugerido aos alunos:

- (1) Considerando a leitura que você faz para o referente discursivo “um corpo negro encontrado no mar”, produza um ou mais novos títulos ao conto em tela.
- (2) Produza um conto dentro da mesma temática apresentada (sujeito confrontado com a morte), optando por uma perspectiva de discurso que constitui o sujeito-urbano: religioso, social, filosófico, médico-biológico.

### Gesto final

Numa tentativa de trazer para a cena, sem a pretensão de esgotar o tema, as possibilidades de implementação de uma proposta de base discursiva para

a sala de aula, entendemos que esses diálogos entre os princípios e procedimentos da Análise do Discurso e questões ligadas ao ensino de língua materna produzem deslocamentos – tanto nos cruzamentos de questões teóricas a serem problematizadas pelo professor quanto na abordagem prática da textualidade de um conto literário no contexto de sala de aula para alunos do nono ano do Ensino Fundamental.

Primeiro, acreditamos na relevância de uma abordagem discursiva, neste caso, do gênero conto, visto que a análise do discurso possibilita uma problematização da dispersão dos modos de identificação relativos ao que denominamos “posição sujeito-urbano” sobre o que seja um “corpo morto”: materialidade biológica, vida humana, cadáver. Com efeito, o texto literário representa, graças ao seu caráter polissêmico, uma possibilidade de compreendermos o funcionamento do político – que, tomado discursivamente, “significa que o sentido é sempre dividido, em uma direção que não é indiferente à sua relação com a ideologia” (Orlandi, 2012, p. 55). Se o político é o confronto de diferentes efeitos de sentidos, isto é, uma divisão nos sentidos, o conto trabalhado permitiu a escuta de sentidos nem sempre convergentes, o que nos leva a considerar a instabilidade e a diferença como ingredientes necessários na aula de leitura no final do Ensino Fundamental, entendendo este contexto como lugar de movimentação de sentidos.

Diante de toda a complexidade de práticas escolares reais e contextualizadas, elegemos aqui algumas questões que devem iluminar práticas de leitura em língua materna ancoradas na Análise do Discurso: (a) as práticas de linguagem não devem se restringir somente à materialidade linguística do texto, mas precisam contar com a análise do processo discursivo, da memória, do já-dito; (b) as práticas de linguagem não devem se limitar ao explícito, ao dito unicamente, mas podem sim problematizar o implícito, o que não foi dito e poderia ter sido, mas que significa ali naquela dada situação.

Obviamente, as atividades sugeridas são algumas dentre outras que poderiam também ter sido pensadas, no caso do texto aqui contemplado. Com efeito, procuramos não somente explorar a dimensão linguística na abordagem do texto, como também mobilizar questões ligadas à memória e às condições de produção do conto sob análise, o que pode representar para o ensino de língua materna, neste caso especificamente para práticas escolares de leitura, novas possibilidades de abordagem do texto, um novo olhar para a linguagem compreendida como aberta e polissêmica.

## Referências

- BAGHIN-SPINELLI, D. 2002. Uma proposta discursiva de leitura nos cursos de formação de professores de língua inglesa. In: S. SERRANI (org.), *Fragmentos*. Florianópolis, Ed. da UFSC, p. 79-100.
- BOLOGNINI, C.Z. 2009. O desafio para o professor a exemplo do filme 2001: Uma Odisseia no espaço. In: C.Z. BOLOGNINI; C. PFEIFFER; S. LAGAZZI (eds.), *Discurso e Ensino: Práticas de Linguagem na Escola*. Campinas, Mercado das Letras, p. 39-46.
- BOLOGNINI, C.Z.; PFEIFFER, C.; LAGAZZI, S. 2009. *Discurso e ensino: práticas de linguagem na escola*. Campinas, Mercado das Letras. (Série *Discurso e Ensino*).
- CORACINI, M.J. 1995. *O jogo discursivo em sala de aula: um jogo de ilusões*. Campinas, Pontes, 141 p.
- CORACINI, M.J. 2005. Concepções de leitura na (pós) modernidade. In: R.C. de C.P. LIMA (ed.), *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas/ São João da Boa Vista, Mercado de Letras, Unifeob, p. 15-44.
- HASHIGUTI, S.T. 2009. Nas teias da leitura. In: C.Z. BOLOGNINI; C. PFEIFFER; S. LAGAZZI (orgs.), *Discurso e ensino: práticas de linguagem na escola*. Campinas, Mercado das Letras. (Série *Discurso e Ensino*).
- LAGAZZI, S. 2012. A equivocidade na circulação do conhecimento científico. *Linguagem em (Dis)curso*, 11(3):497-514. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/818/757](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/818/757). Acesso em: 24/05/2016.
- ORLANDI, E. 1988. *Discurso e Leitura*. São Paulo/Campinas, Cortez/ Editora da Unicamp, 160 p.
- ORLANDI, E. 1999. *Análise do discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 100 p.
- ORLANDI, E. 2001. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, Pontes, 218 p.
- ORLANDI, E. 2010. Análise de discurso. In: E.P. ORLANDI; R.R. LAGAZZI- RODRIGUES (eds.), *Discurso e textualidade*. 2ª ed., Campinas, Pontes, p. 13-31.
- ORLANDI, E. 2012. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, Pontes, 239 p.
- PÊCHEUX, M. 1990a. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 68 p.
- PÊCHEUX, M. 1990b. Análise Automática do Discurso. (ADD-1969). In: F. GADET; T. HAK (eds.) *Por uma Análise Automática do Discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 59-158.
- PÊCHEUX, M. 1988. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 288 p.
- PFEIFFER, C.C. 2000. *Bem dizer e retórica. Um lugar para o sujeito*. Campinas, SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 174 p.
- SANT'ANNA, S. 2014. O Corpo. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/sergio-sant-anna-um-conto-inedito-526162.html>. Acesso em: 10/03/2014.
- SERRANI, S. 2005. *Discurso e cultura na aula de línguas: Currículo-Leitura – Escrita*. Campinas, Pontes, 144 p.
- SERRANI, S. 1990. Transdisciplinariedade e discurso em Linguística Aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 16:39-45.
- SIGNORINI, I. 1998. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: I. SIGNORINI; M.C. CAVALCANTI (orgs.), *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas, Mercado de Letras, p. 99-110.

Submetido: 05/04/2016

Aceito: 12/04/2017

## Apêndice

### O Corpo

Eram quinze para as seis da manhã, a claridade apenas despontando e Fernando Antônio levantou-se sem hesitação ao som do despertador do celular, tão baixo que Ana Livia apenas estremeceu na cama. Fernando Antônio gostava de sentir o corpo de Ana perto do seu, mas não o tocou, para ela não acordar. Ele foi ao banheiro, depois voltou para o quarto e vestiu o short e a camiseta, calçou as meias e o par de tênis, para correr à beira da praia, a tempo de retornar e preparar-se para sair antes de oito horas da manhã e dos engarrafamentos. Sempre chegava cedo à corretora, a fim de conferir as cotações das bolsas da Europa e do fechamento na Ásia, antes de abertura do mercado em São Paulo. Poderia fazer isso no próprio celular, mas não queria misturar as coisas: o seu apartamento, Ana Livia, o exercício físico, com o trabalho.

Fernando foi à cozinha, bebeu um pouco d'água, descascou e partiu pedaços de mamão, que pôs no liquidificador. Café da manhã completo, ele deixava para tomar na volta, talvez em companhia de Ana Livia, quando a empregada já tivesse chegado. Com o copo com o suco na mão, caminhou até a janela da sala, no oitavo andar, que passava a noite fechada, por causa do vento que vinha do mar. Abriu-a, sentiu o ar fresco da manhã, o cheiro da maresia, ouviu o barulho das ondas quebrando, mais nítido a essa hora, e também notou que onde uma onda se formava havia algo parecido com um corpo negro boiando, mas, com a luz ainda insuficiente, não podia identificar se era um afogado, ou um surfista madrugador, ou alguém nadando.

Fernando bebeu o último gole do suco e dirigiu-se à porta do apartamento. Tomou o elevador e, ao chegar à rua, notou que algumas das pessoas que vinham cedo para correr ou caminhar no calçadão haviam parado do outro lado da Avenida Vieira Souto e olhavam em direção ao mar. Resolveu então atravessar a avenida e certificou-se de que havia mesmo o cadáver de um negro que era jogado de um lado para outro, e para cima e para baixo nas ondas. E Fernando não pôde deixar de filosofar como todo mundo diante de um cadáver, filosofia que podia ser reduzida à sua expressão mais simples com as palavras: o homem negro está morto, eu estou vivo, mas também vou morrer. Sentiu-se levemente deprimido e iniciou imediatamente sua corrida.

Naquele momento três rapazes carregando pranchas de surfe vinham chegando pelo calçadão e um deles disse: “Vamos chegar lá perto para ver.” Outro respondeu: “Que isso, mermão, defunto a uma hora dessas? Vamos pro Arpoador.” E o terceiro surfista disse para o segundo, em voz bastante alta, de modo a ser ouvido pelo primeiro, o que fizera a proposta e já pulara para a areia: “Olha lá o Juninho, olha lá: vai pegar onda com o defunto.”

\*

A senhora Carlota Macedo, viúva, 68 anos, viera descendo às seis e meia daquela manhã a Rua Joana Angélica e acabara de chegar à Avenida Vieira Souto. Vestida com um moletom, um biquíni por baixo e usando tênis, a senhora Macedo queria mostrar-se, inclusive para si própria, como uma caminhar igual às outras, mas seus passos eram nervosos, sem ritmo. Carlota tomava comprimidos contra a depressão e a insônia, mas seu sono não costumava passar das quatro e meia, cinco da manhã. Ela virava de um lado para outro na cama, mas não dormia mais e, compulsivamente, se ligava em algum pensamento depressivo, que levava a outro e mais outro e mais outro. O seu psiquiatra já lhe dera permissão para telefonar para ele a qualquer hora, mas quando ela ligava assim tão cedo, invariavelmente a chamada caía numa secretária eletrônica ou caixa postal. O psiquiatra, ou os poucos amigos de Carlota, ou os seus filhos, impacientes, aconselhavam-na a não ficar parada e sim fazer ginástica, ou caminhar, tomar sol e banhos de mar, o que ela pretendia fazer naquela manhã mesma, embora lhe custasse muita coragem, principalmente para mergulhar.

Carlota caminhava como se pudesse fugir de si mesma, da sua mente, mas apesar do exercício aeróbico, dentro dela era um labirinto sempre conduzindo ao medo, ao pânico e a um desejo de morrer durante o sono. E o pior era quando o sol, iluminando a praia, tornando o céu completamente azul, feria a sua vista, contrastava com o cinza que ela trazia dentro de si. Mas ela não ia desistir assim tão fácil e, cruzando a avenida, começou a caminhar em direção ao Arpoador.

Aproximando-se da Rua Vinicius de Moraes, Carlota se deu conta de duas pequenas aglomerações, uma no calçadão, outra na beira do mar, no lado oposto à Rua Farne de Amoedo. O coração dela disparou, mas ela sentia a esperança de que não fosse um afogado e sim, por exemplo, uma baleia aproximando-se da praia, o que não era assim tão raro. Depois de fixar seus olhos no oceano e não ver baleia alguma, Carlota pensou em

dar meia-volta e caminhar na direção contrária. Mas era perto do Arpoador, cuja direção ela tomava, que o mar era mais calmo para entrar na água. E Carlota prosseguiu e, bem próximo à Farme de Amoedo, viu o corpo do homem negro no mar, que era jogado todo desengonçado pelas ondas e com toda a certeza estava morto. Não podia haver cena mais tétrica do que essa e, andando com passos mecânicos, Carlota viu ainda mais nitidamente o corpo. No instante seguinte, ele estava no topo de uma onda e Carlota julgou ver seus olhos abertos. E disse para si própria, antes de virar-se e andar o mais depressa possível no rumo da Rua Joana Angélica e de casa: “Esse já não sofre mais.”

\*

Mas, afinal, o que aconteceu com esse? Um banhista que se afogou tão cedo? Quando, depois de ser, por fim, depositado na areia, viu-se que havia um buraco de bala em sua testa. Isso devia ter acontecido havia não muito tempo e perto dali, porque o corpo não exibía sinais visíveis de decomposição, disse um cabo da PM que chegou ao local, com um soldado da corporação, que estacionou a viatura próximo à calçada. Depois de puxar o cadáver um pouco mais para a areia, o cabo verificou que no bolso da bermuda, única vestimenta do morto, não havia nenhum documento nem dinheiro. O outro policial trouxe do carro-patrolha um plástico negro e com ele cobriu o cadáver. “É capaz de ele ter sido morto lá nas pedras do Arpoador”, disse o cabo.

Sentado num banco da calçada, um senhor aposentado, vendo a cena, lembrou-se de uma história que lera numa coluna de jornal, havia alguns anos, sobre os cadáveres de dois afogados amarrados por cordas por algumas horas num barco do Serviço de Salvamento, no Mourisco, à vista de pessoas que almoçavam numa churrascaria em frente ao mar. E várias delas iam embora, é claro.

\*

Por volta das oito horas, horário em que as mães traziam as crianças pequenas para a praia, o corpo sob o plástico ainda continuava lá. Os banhistas matutinos guardavam uma boa distância do defunto. Afinal, ninguém quer pegar praia perto de um morto. Mas um pregador bíblico, vestido com um velho terno, sem gravata e surgido não se sabia de onde, aproximou-se do cadáver e pronunciou, elevando a voz, a seguinte prédica, tirada do Livro da Sabedoria:

“Pois do nada somos nascidos e depois desta vida seremos como se nunca tivéramos sido. Pois a respiração de nossos narizes não passa de fumaça e a razão é como faísca para mover nosso coração.”

\*

Quando chegou em casa às 7 horas, Fernando Antônio já encontrou a mesa arrumada para o café da manhã para duas pessoas. Mas Fernando não sabia se Ana Livia ia acordar a tempo de tomar café junto com ele. Ela costumava dormir ali duas ou três vezes por semana e às vezes só se levantava depois que ele saía. Fernando foi ao banheiro, fez a barba, tomou uma chuveirada e depois, já no quarto, começou a vestir o terno. Pôs a camisa, os sapatos, a gravata, mas o paletó deixou para depois.

Ana Livia sonhava com uma centopeia que lhe subia pela perna. Pronunciou algumas palavras aflitas e incompreensíveis, abriu os olhos e viu Fernando Antônio. “Me abraça”, ela disse.

Ele sentou-se na cama, abraçou-a e disse que tinha de ir, mas ainda dava tempo de tomarem o café juntos. Ela disse para ele ir na frente, que ela já ia indo.

Ana Livia entrou na sala vestida com uma camisa de Fernando, de mangas compridas e a calcinha por baixo. Cumprimentou Ifigênia, a diarista, e sentou-se. Era bem jovem, morena e bonita. Fernando preferiu não comentar sobre o homem morto na praia. Com o pé direito acariciou a coxa de Ana Livia sob a mesa, mas logo teve de levantar-se para sair. Ana Livia saiu uma hora mais tarde, para a faculdade onde fazia mestrado.

No acostamento da pista da praia, lá pelas dez horas, chegou o rabecão. Sem maiores cuidados, dois funcionários do Instituto Médico-Legal trocaram o plástico da polícia por um do Instituto e depois puseram o morto coberto num caixão de metal e o levaram para um furgão em que estava escrito: IML — Transporte de Cadáveres.

Na carroceria do furgão, havia mais dois corpos, além do corpo do homem negro, cada um em uma gaveta, restando uma gaveta vaga. Nenhum ser humano vivo ali naquela parte do veículo. No entanto, havia vida ali, inconsciente, dos vermes que já haviam começado a devorar os cadáveres. Que vermes são esses? Nós, os leigos, não sabemos, mas já os trazemos dentro de nós, à espera de tomarem conta do nosso corpo.